

“A VISÃO MUNDIAL IGBO É UMA VISÃO DE MUNDO DE MUDANÇA”. O ser-mundo na escrita literária de Chinua Achebe

Katarina Kristie Martins Lopes Gabilan¹, Cadidja Assis Pinto², Emílio Ranieri Migliorini³ Willian Felipe Martins Costa⁴, Claudia Mortari⁵

¹Acadêmica do Curso História da FAED - bolsista PROBIC/UDESC.

²Acadêmica do Curso História da FAED

³Acadêmico do Curso História da FAED

⁴Acadêmico do Curso História da FAED

⁵Orientadora, Departamento de História, FAED – claudiammortari@gmail.com

Palavras-chave: História da África; Literatura, Estudos Pós-coloniais e Decoloniais

Em 1989 Chinua Achebe expressou que “a visão mundial Igbo é uma visão de mundo de mudança: nada é permanente, tudo está em movimento”¹. Neste sentido, pensamos que seu entendimento de literatura também segue por esse caminho e evidencia essa perspectiva. Esse trabalho de iniciação científica tem a proposta de apresentar reflexões desenvolvidas na pesquisa “‘Modos de Ser, Ver e Viver’: o mundo Igbo a partir da escrita de Chinua Achebe (África Ocidental, século XX)” junto ao AYA - Laboratório de estudos Pós-coloniais e Decoloniais. Conforme a frase que abre o texto, tivemos como problemática específica de pesquisa, perceber de que forma as concepções Igbo de existência aparecem e se incorporam na escrita do autor nigeriano Igbo Chinua Achebe (1930-2013). A análise feita aqui propõe-se a olhar para Achebe enquanto uma pessoa que circula no mundo e que, portanto, sua trajetória enquanto nigeriano, Igbo, escritor, crítico literário, professor e suas tantas outras identificações, fazem-o ter um modo de ser, estar e interpretar o mundo. Cabendo aqui, compreender as intenções, posicionamentos e a forma como seu próprio ser-mundo e interpretar o mundo e a história atravessam a sua escrita literária, tendo como foco principal a obra *A Flecha de Deus* (1964), entrevistas do autor e os ensaios presentes na obra *A educação de uma criança sob o protetorado Britânico* (2012).

Na obra o contexto colonial britânico do século XX está colocado no espaço geo-político que compreende hoje o estado nigeriano e com ele diversas violências praticadas pelo seu sistema. A história se desenrola nas seis aldeias que juntas formam a aldeia de Umuaro e Achebe nos apresenta as diversas realidades e contextos que se manifestam no cotidiano das populações de Umuaro. Se, as narrativas sobre África produzidas numa perspectiva eurocêntrica e colonial construiu uma ideia de homogeneidade, em contraponto, Achebe apresenta experiências diversas. Estas se diferenciam mesmo entre aldeias, como Okperi e Umuaro consideradas inimigas por conta de uma disputa por terras, ou entre Umuofia, aldeia protagonista na obra *O mundo se despedaça*, em que no mundo literário de Achebe se localiza a um dia de viagem de Umuaro (ACHEBE, 2011, p. 218). Se mesmo nas obras de Achebe os igbos se caracterizam pela

¹ Entrevista com Chinua Achebe no ano de 1989 pela The Missouri Review. Disponível em: <http://muse.jhu.edu/article/411026>

diversidade, também Chimamanda e Buchi Emecheta ao falar a partir de seus próprios lugares enquanto pessoas igbos, também dialogam na mesma medida que se diferenciam. Com isso, estamos querendo fazer evidente que ao ler Chinua Achebe temos acesso a uma perspectiva de seu próprio universo de experiência que perpassa por suas memórias, vivências, sua própria construção de enredo, com suas intencionalidade e posicionamentos. Mesmo que tenhamos acesso a conhecimentos igbos com a escrita narrativa, ainda sim não podemos ignorar que ao falar sobre um grande grupo de pessoas significa falar de diversidade, diferenças e semelhanças, de ideias, de conceitos, de trajetórias, individuais e coletivas, portanto, nessa pesquisa, construímos conhecimento junto, *sobre, com e a partir* do autor. Este, quanto vivo se envolvia numa perspectiva da mudança e da imprevisibilidade e essa perspectiva se expressa em suas intencionalidades literárias para mudança da imagem do continente africano. Em 1989 Achebe expressou que a literatura nigeriana é um corpo substancial e apostava que esta iria ajudar a mudar a imagem de África para o restante do mundo. Na época ele pontua que a literatura estava apenas começando a sair da parte muçulmana da Nigéria, que é muito diferente da literatura que está saindo do sul, afirmando que “conforme o tempo passa, acho que haverá cada vez maior e maior ênfase nas diferenças”. Atualmente a literatura de África é divulgada em maiores proporções, portanto, nesses movimentos as sociedades se transformam e percepções de mundo se alteram “*nada é permanente, tudo está em movimento*”. De acordo com Achebe, na concepção Igbo nunca se aceita nada que é rígido, final e absoluto: “onde quer que uma coisa esteja, outra coisa vai ficar ao lado dele. Se você realmente deseja com força suficiente mudá-lo, existem maneiras em que você pode começar a fazê-lo. Nada é final e absoluto”. É com a perspectiva do movimento e da mudança que o autor também se posiciona frente às narrativas e a História.

Ainda, a pesquisa identificou a arte *Mbari* como categoria para entender a escrita e posicionamento de Chinua Achebe. Este conta sobre sua participação num evento em que o tema era “A literatura como celebração” o autor expressa que ocorreu uma repercussão reprovatória do título entre os escritores, entretanto, de sua parte era “quase perfeita para o meu uso; ela expressava bem minha herança tradicional e, ao mesmo tempo, satisfazia meu gosto pessoal pelo assunto” (ACHEBE, 2012, p. 111). Essa é a arte igbo Mbari, ela celebra a experiência humana pois, para Achebe, para os Igbos celebrar significa incluir todos os encontros/acontecimentos significativos que as pessoas tem em sua jornada pela vida: “Todos os tipos de coisas entram na arte, mesmo aqueles que estão te ameaçando, como o oficial de distrito branco. Por quê você coloca ele aí? Para canalizar sua energia, como um raio maestro”. No templo/casa Mbari havia figuras humanas e também de animais, figuras do folclore, da história ou da pura fantasia, cenas da floresta, cenas da aldeia e da vida doméstica, acontecimentos cotidianos, escândalos incomuns, onde “novas imagens faziam ali sua estreia, tudo muito apinhado, disputando espaço nessa extraordinária convocação do reino da imaginação e da experiência humana” (ACHEBE, 2012, p. 113).

Portanto, o que Achebe parece nos fazer perceber com A flecha de Deus é que sobretudo, as pessoas vivem, se movimentam, se articulam, se transformam individual e coletivamente. Não tem como a existência cotidiana se limitar a força da ação externa, as pessoas se reinventam, se colocam no mundo a sua própria maneira, continuam, seguem, com desafios, com celebração, sob situações variadas e complexas, histórias coletivas e pessoais. Ao focar na humanidade dos sujeitos, Achebe nos alerta sobre “o que é grandioso no ser humano é nossa capacidade de enfrentar e vencer a adversidade, não nos deixando definir por ela, nos recusando a ser apenas seu agente ou sua vítima” (2012, p. 31).